

A Morte do Almirante José Prudencio Padilla: República e Racismo na Independência da Colômbia¹

The Death of Admiral José Prudencio Padilla: Republic and Racism in Colombia's Independence

ALFONSO MÚNERA CAVADÍA

Universidad de Cartagena, Colômbia.

FERNANDA LIMA DA SILVA (TRAD.)²

Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília (DF). Brasil.

MARCOS VINÍCIUS LUSTOSA QUEIROZ (TRAD.)³

Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília (DF). Brasil.

RESUMO: O artigo investiga as razões do assassinato do líder patriota e almirante José Prudencio Padilla. Ao analisar cartas de Simón Bolívar, Francisco de Paula Santander, Mariano Montilla e Padilla, aponta-se como a morte do almirante é o clímax dos conflitos raciais que estão na gênese do estado-nação colombiano. Com isso, propõe uma leitura alternativa das independências latino-americanas, na qual a “raça” é elemento decisivo.

PALAVRAS-CHAVE: Colômbia; José Prudencio Padilla; racismo.

ABSTRACT: The paper investigates the reasons for the murder of the patriot leader and admiral José Prudencio Padilla. Through the letters of Simón Bolívar, Francisco de Paula Santander, Mariano Montilla and Padilla, the text illustrates how the admiral's death is the climax of the racial conflicts in the emergence of the Colombian nation-state. Thus, it proposes an alternative reading of the Latin American independence, in which “race” is a decisive element.

KEYWORDS: Colombia, José Prudencio Padilla; racismo.

1 O presente artigo é o último capítulo do recém-publicado livro de Alfonso Múnera, *La Independencia de Colombia: olvidos y ficciones. Cartagena de Indias (1580-1821)* (Bogotá: Editorial Planeta, 2021). As coordenadoras do dossiê agradecem imensamente pela oportunidade de publicar esta versão em português.

2 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5225-1253>.

3 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3644-7595>.

1825 havia sido um ano de boas notícias para Simón Bolívar, de grandes vitórias e de romântico otimismo em relação ao futuro da América⁴. As batalhas ganhadas no Peru, seu domínio da aristocrática Lima e seu não dissimulado orgulho de ter criado um país, Bolívia, que dotou, segundo ele, da constituição política ideal, enchiam-no de satisfação. Acreditou, assim, e acreditou de verdade, que podia transformar em realidade o sonho, que havia mantido em silêncio, de uma grande confederação que unisse pelo menos Peru, México, a Confederação Centro-americana, Bolívia e Grã-Colômbia⁵. Nunca teve maior entusiasmo pela inclusão de Chile e Buenos Aires, nem dos Estados Unidos. A esse sonho dedicou muitas páginas de sua correspondência, e é possível crer que, entre os grandes generais patriotas, somente ele o sentia verdadeiro. Queixava-se frequentemente com Santander da demora em colocar em ação o grande projeto anfitriônico e chegou, inclusive, a pensar que este se moveu a Quito para garantir um melhor clima e maiores comodidades aos delegados⁶.

-
- 4 Este artigo é o Capítulo VI do livro *La Independencia de Colombia* (2021). A obra fornece uma perspectiva da emancipação latino-americana construída a partir do Caribe colombiano, mais particularmente dos setores negros e mulatos de Cartagena. Para tanto, nos dois primeiros capítulos, reconstrói a história da cidade desde o início da colonização, dando ênfase à sua participação no tráfico negreiro e às suas relações com o resto do Caribe. Este processo gera uma cidade marcadamente afro, com uma forte presença de pessoas livres de cor, e cosmopolita, estando no centro das dinâmicas transformações econômicas e políticas vividas no Atlântico. No capítulo II, destaca-se tema já trabalhado de forma pioneira por Múnera em outras obras, como *El Fracaso de la Nación*, isto é, o protagonismo dos afrocartageneiros na República de Cartagena, entre 1811 e 1815. Os capítulos III e IV focam na reconquista de Cartagena pelos espanhóis (1815-1821) e na vitória definitiva dos patriotas, iniciada na noite de São João, no 25 de junho de 1821, quando o almirante mulato José Prudencio Padilla toma a baía da cidade. Por fim, os últimos dois capítulos trabalham, por meio da análise das cartas entre Simón Bolívar, Francisco de Paula Santander, Mariano Montilla e José Prudencio Padilla, o conteúdo racial das disputas em torno do projeto republicano e da construção do novo estado-nação. Particularmente, são enfatizados os ódios racistas do general Mariano Montilla contra a população negra e mulata de Cartagena, os quais mobilizavam o imaginário em torno da Revolução Haitiana para semear o temor branco entre as autoridades republicanas. Esse ódio era catalisado na figura de José Prudencio Padilla. Por meio de cartas, as palavras de Montilla encontrarão em Bolívar um ouvinte atento, recoso de que o republicanismo levasse ao que ele chamava de “pardocracia”, o governo nos quais os afros tivessem poder. Como descrito no presente texto, este sentimento antinegro será escalonado no turbulento ano de 1828, tendo como clímax o linchamento de José Prudencio Padilla (nota dos tradutores).
 - 5 Grã-Colômbia é o termo utilizado na historiografia para se referir à República da Colômbia existente entre 1919 e 1831, englobando, pela maior parte desse período, além da própria Colômbia, os territórios dos atuais Panamá, Venezuela e Equador.
 - 6 A correspondência de Bolívar de 1825, em particular, contém numerosas cartas nas quais volta uma e outra vez ao tema do Congresso do Panamá. Veja: BOLÍVAR, S. *Obras completas*: compilación y notas de Vicente Lecuna. La Habana: Editorial Lex, v. II, 1950. Em particular, a carta que escreveu desde Lima a Santander, datada de 7 de abril de 1825. Nela, disse que espera “que Buenos Aires e Chile entrarão à confederação por respeito que nos têm e pelo bem ou mal que podemos fazer a eles. Direi a você, desde logo, que a federação com Buenos Aires não é agora prejudicial, porque nos compromete com o Brasil e talvez com a Santa Aliança. A federação com os Estados Unidos vai nos comprometer com a Inglaterra, porque os americanos são os únicos rivais dos ingleses com respeito a América”, p. 114. No dia 20 de maio, desde Arequipa, enviou outra carta na qual pede a Santander que “não se esqueça você jamais das três advertências políticas que me atrevi a lhe fazer: primeira, que não nos convém admitir na liga o Rio da Prata; segunda, aos Estados Unidos; e terceira, não libertar Havana. Estes três pontos me parecem da maior importância, pois acredito que nossa

Mas, a partir de 1826, tudo pareceu ruir diante de crescentes dificuldades. Primeiro foi sua própria pátria, Venezuela, que entoou os cantos da rebelião e do separatismo, os quais anunciavam a dissolução da impossível república que conhecemos como Grã-Colômbia. Estando o caudilho Páez a frente dos venezuelanos, os enfrentamentos com a autoridade de Santander explodiram sem remédio. Bolívar conseguiria acalmar as águas temporariamente, mas seus amigos mais íntimos e o próprio Santander expuseram-lhe seu pessimismo. Porque não era somente Páez; em vários territórios surgiram levantamentos fáceis de controlar, mas que anunciavam maiores tempestades. E lhes preocupava sobretudo o envolvimento de pessoas “*de todos los colores*”, isto é, negros e mulatos⁷. Os soldados libertos do rei e os negros e mulatos livres tinham feito possível a fúria terrível do exército espanhol de Boves no ano de 1814 e as brutais e sangrentas derrotas de Bolívar em terras pátrias⁸. Eles constituíam o grosso das forças de Boves e Morales (LYNCH, 2019, p. 109-116). Estando ainda no Peru, ele escreveu ao marechal Sucre, no início de maio, sua preocupação com o estado lamentável da Colômbia. Seus amigos de lá o informam que tudo está ameaçado a ser arruinado pelos conflitos entre os partidos e pelo estado lastimável da Fazenda pública; assusta-o especialmente a situação de Venezuela, porque “Páez é odiado pelo povo enquanto é chefe do exército, e a pardocracia vai ganhando terreno em tudo que perdem os demais partidos” (BOLÍVAR, 1950, p. 109-116). E a Santander enviou uma carta dois meses mais tarde, carta esta que é um prelúdio do que escreverá a partir de 1828, quando tudo colapsa e ele se vê obrigado a assumir a ditadura. Em um dos seus apartes, ele diz:

Repito que tudo está perdido se Páez continua em seu princípio insurrecional... ao mesmo tempo que estou penetrado até dentro dos meus ossos que somente um hábil despotismo pode reger a América. Estamos muito longe dos bonitos tempos de Atenas e Roma e não podemos nos comparar a nada

liga pode se manter perfeitamente sem tocar nos extremos do Sul e do Norte: e sem o estabelecimento de uma nova república do Haiti”, p. 135.

7 Termos que designam o lugar social da “raça” são sempre difíceis de traduzir. Optamos por manter o termo “mulato” pelo seu significado no argumento de Múnera, conectado às sociabilidades, ao léxico e ao imaginário de Cartagena, seja no passado, seja no presente. Como Alfonso diz no livro *La Independencia de Colombia*, trata-se de uma história de Cartagena escrita por um cartageneiro de Torices, bairro de gente negra e mulata, como ele também gosta de lembrar. História que atravessa a escolha das palavras (nota dos tradutores).

8 Durante o conflito entre patriotas americanos e realistas espanhóis, que levará à queda da Segunda República da Venezuela (1813-1814), os últimos tinham a prática de libertar os escravizados da região em troca de que enfrentassem os republicanos. Este movimento era facilitado porque parte considerável dos líderes patriotas era da *elite mantuana*, grandes proprietários de terras e de escravos, baseados em Caracas. Como medo, este tema seria central nas cartas de Bolívar logo após sua fuga da Venezuela em 1814 (nota dos tradutores).

que seja europeu. A origem mais impura é a do nosso ser: tudo que nos precedeu está envolto com o negro manto do crime. Nós somos o composto abominável de esses tigres caçadores que vieram à América a derramar seu sangue e a *encastar*⁹ com as vítimas antes de sacrificá-las, para mesclar depois os frutos espúrios desses enlaces com os frutos desses escravos arrancados da África. Com tais mesclas físicas; com tais elementos morais, como se podem fundar leis sobre os heróis e princípios sobre os homens? (BOLÍVAR, 1950, p. 428)

Por outro lado, Bolívar acompanhava com obsessão a situação internacional e chegou a acreditar que França e a Santa Aliança estavam dispostas a acabar com os ensaios de repúblicas democráticas na América e que, não podendo fazê-lo contra os Estados Unidos, fariam contra as do centro e do sul. Isso reafirmava sua convicção de que a única maneira de dissuadir as monarquias europeias de tentar invadir terras americanas era criar uma confederação que unisse os países convidados ao Congresso do Panamá. Não lhe parecia conveniente convidar, neste ano de 1825, os Estados Unidos, evitando problemas com a Inglaterra, única nação da Europa que admirava com fervor e considerava sua aliada mais importante. Nem Buenos Aires, para evitar problemas com Brasil e a Santa Aliança (BOLÍVAR, 1950, p. 114, 142 e 143). No ano de 1827, soube, finalmente, que a confederação se tornava uma ilusão sem maiores fundamentos dada a rebelião de parte do exército no Peru e ao intuir que essa nação seria perdida diante de qualquer projeto de união. Com efeito, acabaria perdendo seu domínio sobre terras peruanas e tendo que conter uma invasão do seu próprio exército peruano, dirigida pelo coronel colombiano José Bustamante, às províncias do sul, especialmente Popayán, sob o lema de proteger a Constituição de 1821 e de não aceitar nenhuma forma de ditadura. E, pior de tudo, o que lhe produzia maior irritação: o que ele considerava a traição de Santander. Neste mesmo ano de 1827, tomou uma das decisões de consequências mais deploráveis para ele e para a república: regressar a Bogotá para tomar as rédeas do governo na sua qualidade de presidente, afastar do poder a Santander, o vice-presidente e, até ali, presidente encarregado, e governar com mão dura. Na minha opinião, impelido por sua vocação de caudilho autoritário e pela

9 *Casta* era o termo utilizado para estratificar racialmente a sociedade no mundo colonial hispânico. Nota-se, portanto, a permanência desse imaginário nas posturas de líderes patriotas no momento da independência. Inclusive, o fim desse tipo de discriminação era uma das principais demandas de José Prudencio Padilla, para o qual tais atitudes eram resquícios de hábitos aristocráticos incompatíveis com o princípio republicano (nota dos tradutores).

angústia e desespero que lhe causava o crescente poder dos santanderistas, opostos ao seu projeto claramente expressado em distintas cartas de adotar a Constituição boliviana na Grã-Colômbia que o consagraria presidente perpétuo com amplos poderes para conduzir a nação. Para dar algum sentido de legalidade, necessitava de uma Convenção constituinte para mudar a Constituição de 1821 ao seu modo. Isso provaria ser impossível diante do domínio parlamentar dos santanderistas. A Convenção de Ocaña seria um terrível fracasso, que deixou para suas aspirações somente o caminho da ditadura. A conspiração para assassiná-lo no 25 de setembro de 1828, poucos meses depois da Convenção, terminou por destruir qualquer outra saída¹⁰.

Assim começaria a desmoronar o primeiro grande ensaio de uma república unitária, demasiadamente frágil para resistir aos ventos de furacão que despertavam as ambições e rancores dos chefes da revolução. Impossível República, esta Grã-Colômbia, por sua pobreza geral, pela fragmentação insuperável de seus extensos territórios sem meios de comunicação adequados e pela larga tradição de autonomia das regiões. Desaparecida a Espanha, inimigo que os unia, era previsível que surgissem os antagonismos represados entre seus caudilhos militares e, não menos importante e de graves consequências, entre os generais Montilla¹¹ e Padilla¹². Sobre este último antagonismo Bolívar interveria de forma decisiva.

II

Em 1827, Bolívar ainda valorizava sua amizade com os generais e estava seguro de sua lealdade para com eles, mesmo diante do enfrentamento, que já era aberto, com Santander. Sua breve estadia em Cartagena em julho daquele ano, a caminho de Bogotá, terminou de convencê-lo. Padilla e

10 Mais que em qualquer outro texto escrito por algum historiador, pode ser seguida com muita clareza a intensidade das atuações e do pensamento do Libertador de 1825 a 1828 em suas cartas a Santander, Montilla e a outros generais e amigos. Seu modo de conceber a situação internacional, as ameaças da França e da Santa Aliança e o Congresso do Panamá; sua felicidade em 1825, graças a suas vitórias no Peru e a criação da Bolívia; e sua posterior desilusão de 1826 a 1828. Ver: BOLÍVAR, 1850, v. II.

11 Nascido em 1784, na cidade de Riohacha, na Guajira colombiana, filho de um homem negro de São Domingos e de uma mãe indígena *wayuu*, José Prudencio Padilla foi uma liderança patriota e o grande almirante responsável pela libertação do Caribe sul-americano. Sob o seu comando ocorreram as principais vitórias republicanas sobre os mares, a Batalha de São João, na Baía de Cartagena, que libertou a cidade em 1821, e a Batalha do Lago de Maracaibo, em 1824, que selou a independência da Venezuela. Pelos seus feitos e liderança sobre as classes populares, Bolívar chegou a dizer que Padilla “era o homem mais importante da Colômbia” (nota dos tradutores).

12 Nascido em 1784, na cidade de Riohacha, na Guajira colombiana, filho de um homem negro de São Domingos e de uma mãe indígena *wayuu*, José Prudencio Padilla foi uma liderança patriota e o grande almirante responsável pela libertação do Caribe sul-americano. Sob o seu comando ocorreram as principais vitórias republicanas sobre os mares, a Batalha de São João, na Baía de Cartagena, que libertou a cidade em 1821, e a Batalha do Lago de Maracaibo, em 1824, que selou a independência da Venezuela. Pelos seus feitos e liderança sobre as classes populares, Bolívar chegou a dizer que Padilla “era o homem mais importante da Colômbia” (nota dos tradutores).

Montilla se desdobraram para atendê-lo e homenageá-lo e ambos firmaram pronunciamentos de apoio incondicional ao Libertador (BOLÍVAR, 1850, p. 653; D’COSTA, 1973, p. 100-101). Nada indicava que, apesar conservar amizade com o vice-presidente e, inclusive, ter votado nele para continuar no cargo, Padilla se oporia a Bolívar. Conservamos deste ano um conjunto de seis cartas de Padilla a Santander que ajudam a entender melhor as tensões vividas menos de um ano antes dos acontecimentos que conduziram à tragédia do almirante; e também nos permitem adentrar o complexo jogo político, para o qual acredito não estava preparado Padilla. Em 9 de janeiro, ele diz ao vice-presidente que Montilla é o cérebro por trás da imprensa que escreve contra seu governo e pede permissão para falar “com a franqueza de amigo, que aquele que tem a culpa de tudo isso é você, pois, não obstante conhecer as nulidades de Montilla e que ele é seu inimigo, conserva-o neste departamento com o mando dele” (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 160). Nove dias depois, expõe sua preocupação diante do que parece estar se decidindo a respeito de reduzir a Marinha à sua mínima expressão, com o argumento de que a Armada espanhola já não é uma ameaça. E pior ainda: frente à possibilidade de um decreto que subordina a Marinha à autoridade do intendente e do comandante geral do departamento, isto é, à autoridade de Montilla, solicita, novamente, que Santander busque uma forma de removê-lo a outra localidade. E informa que, “ele (Montilla) reconciliou-se comigo e eu conservo sua amizade aparente, como me persuado da sua” (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 170-171). Três semanas depois, no 9 de fevereiro, desconcertado porque sabe que essas decisões não vêm de Santander, e não se atreve nem sequer a insinuar que poderiam estar sendo tomadas por Bolívar, diz:

O certo é que parece que é de mim que se desconfia... foi concluído com a Marinha, me manda entregar todas suas existências e por último a tropa, reduzindo-me a pedir o que é necessário. Obedeci e cumpri; amanhã não me culpe; e estou tão desgostoso que queria me separar de tudo. (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 221)

Ao final do mês, no 25 de fevereiro, outra vez insiste a Santander para transladar Montilla e o aperta com um assunto de vida ou morte. Conta-lhe que Bolívar ordenou-lhe colocar à disposição “todos os navios de guerra que existem neste porto, mil homens veteranos da tropa e outros auxílios para ir a Porto Rico”. Ademais, “falou[-lhe] que é necessário que ele vá”. Padilla se sente tão inseguro que comenta a Santander que ele e seus amigos do porto temem que sua saída deixará o campo livre ao seu inimigo. Nem

sequer recebe com alegria semelhante distinção (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 244).

No dia 18 de março escreve uma carta que mostra bem sua adesão total ao Libertador. Ademais de dizer a Santander que foi desbaratada a missão a Porto Rico, pede a ele que não dê ouvidos aos maus conselhos dos falsos patriotas que “não fazem outra coisa que acender a teia da discórdia, e depois se retiram a contemplar sua obra”. Diante da iminência do regresso de Bolívar a Bogotá, de sua renúncia da Presidência ante o Congresso e da evidente moléstia dele para com o vice-presidente, aclara-lhe que em Cartagena todos estão dispostos a apoiar o Libertador, incluindo ele próprio. Sugere, também, que Santander contenha, em Bogotá, seus amigos que desgostam ao grande general com “os impressos anônimos”. E, com muito tato, diz que “esta é a época em que a prudência e os interesses da pátria devem sobrepor-se a tudo, ainda mais quando eu estou intimamente convencido da sincera amizade que você professa ao Libertador” (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 299-301). A última das cartas desse período que me interessa destacar Padilla a escreve em 2 de abril. Nela, de maneira surpreendente, faz Santander saber, palavras mais, palavras menos, que Montilla agora lhe mostra uma amizade sincera e está disposto à observância estrita da lei. Diz que isso o mantém contente, que “tenho visto Montilla mais amigo meu e da ordem”. Diz, também, que querem cumprir com o encargo do Libertador de “conservar a ordem em toda a costa no departamento”. Nesta mesma carta, a dois meses e meio de que Bolívar festeje seu aniversário em sua casa em Getsemaní¹³, Padilla escreve a Santander um parágrafo que, na minha opinião, expressa com intensidade o que sente neste momento, momento no qual está a ponto de ser declarado o rompimento total das relações entre ele e o Libertador. Pela sua importância, vale a pena reproduzir o trecho por completo:

Meu querido general, considere o ponto no qual estou colocado: amigo inseparável de você e do Libertador, encontro-me num destino público, com dois governos, sem saber a quem dar um dia a preferência, no cumprimento

13 Getsemaní é um bairro de Cartagena, historicamente vinculado à presença e às manifestações dos afrocartageneiros. Foi nele que o batalhão de lanceiros negros, liderados por Pedro Romero, deu o grito de independência da cidade no 11 de novembro de 1811, inaugurando a República de Cartagena, que duraria até 1815. Alguns anos depois, neste bairro estaria localizada a casa de José Prudencio Padilla, o qual mantinha relação com a Anita Romero, filha de Pedro Romero. Alfonso Múnera enfatiza o protagonismo afro de Getsemaní para a independência colombiana em vários dos seus trabalhos. Veja o pioneiro: MÚNERA, A. *El Fracaso de la Nación: región, clase y raza em el Caribe colombiano (1717-1821)*. Bogotá: Editorial Planeta, 2008 (nota dos tradutores).

das ordens recebidas, porque é muito factível que chegue um dia em que as ordens se contrariem: este estado, confesso a você, atormenta-me demasiado, pois minha intenção não é outra que manter sem manchas a perfeita amizade que professo a você e ao Libertador, sem que nunca tenham motivo de ressentimento. (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 322-323)

O que parecia ignorar o Almirante, num momento em que a tormenta chegava, é que nenhum dos dois, nem o presidente nem o vice-presidente, estavam dispostos a tolerar o mínimo movimento contra Montilla. Bolívar, claramente, havia manifestado dois anos antes seu temor à ameaça dos pardos de Cartagena, cuja figura representativa era Padilla; e Santander, nestes mesmos dias nos quais Padilla lhe conta que o inimigo é Montilla, dizia a Bolívar que “ainda que se referem ao conto de distinto modo, a verdade é que se trabalha diariamente (em Cartagena) para derrubar o dito general”, e agrega que não pode “ouvir com serenidade que minha pobre pátria esteja sujeita a *bochinchas deshonorosas* que fazem perder a moral pública e a força das leis e, com elas, a seguridade e a ordem” (ARCHIVO SANTANDER, 1919, t. XVI, p. 294). *Bochinchas* é a expressão favorita de Montilla e, em geral, dos membros da elite para adjetivar os movimentos dos pardos em Cartagena.

Padilla professava amizade sincera e admiração para com estes dois poderosos generais da Independência, e não o ocultava. No entanto, queria o impossível em uma época de terríveis definições e enfrentamentos: não tomar partido. O fato é que tomou partido por Santander abertamente, mas somente quando as circunstâncias se impuseram. Sigo acreditando até o dia de hoje que não teria feito se não fosse pelos acontecimentos que se precipitaram em fevereiro de 1828, na ocasião de um pronunciamento do exército estacionado em Cartagena ao protestar contra as más condições de vida, pronunciamento este que não era mais do que um protesto contra o governo de Santander. Num dos seus regimentos, que levava o nome de Tiradores, vários oficiais se negaram a firmá-lo. Até aí, nada sério haveria ocorrido, mas como costuma ocorrer às coisas prestes a acontecer, qualquer incidente as precipita, qualquer faísca – parodiando a famosa frase – incendeia a pradaria.

Num episódio muitas vezes relatado pelos estudiosos de Padilla, este entrou no bar Matosi em 29 de fevereiro, quando tinha lugar uma explosiva discussão entre soldados que não firmaram e que firmaram o pronunciamento. Os primeiros se sentiram ameaçados e recorreram ao general, que lhes forneceu, de maneira enérgica, sua proteção. Os ânimos se alteraram

ainda mais e o que se seguiu foi uma série de incidentes narrados com destreza e detalhe, no ano de 1921, pelo distinto historiador Otero D’Costa, quem, ademais, chegou à conclusão de que, a partir desse momento, Padilla havia sido vítima de uma armadilha muito bem organizada por seu inimigo, o general Montilla (D’COSTA, 1973, p. 115-122). Armadilha que consistiu, por parte deste último, a não se mover da população vizinha de Turbaco, para a qual havia se retirado dias antes, enquanto os ânimos se inflamavam em Cartagena; e Padilla, em momentos de grande confusão, colocava-se à frente de uma espécie de um levantamento popular pacífico que o levaria a ocupar, de fato, o governo da cidade diante da renúncia do governador ou intendente.

As coisas se precipitaram. Os afros da cidade expressaram seu entusiasmo e respaldo ao general mulato contra Montilla. Padilla, apoiado pela multidão, obrigou à renúncia o chefe das forças em Cartagena e o substituiu por um coronel amigo. O governador se assustou e renunciou, e Padilla assumiu o governo. Montilla seguiu sem se pronunciar, apesar de ter uma ordem reservada de Bolívar que lhe permitia assumir o mando da cidade quando acreditasse conveniente. Deixou Padilla atuar e, na noite de 05 de março, silenciosamente, fez com que o exército evacuasse a praça e se pusesse todo debaixo de suas ordens em Turbaco. Assumiu, então, faculdades extraordinárias e se preparou para entrar em Cartagena. Padilla decidiu evacuar a cidade, também silenciosamente, na noite do dia 8, para evitar maiores confrontos. Quanto durou o general mulato na condição de comandante geral e intendente que havia adquirido para preencher o vazio de poder? Oh, surpresa, um dia, por acaso! No outro dia após haver assumido o governo e o comando militar, renunciou e se dedicou a acalmar os ânimos. Pode imaginar alguém o que teria sido capaz de organizar Padilla, a quem a chamada “*gentuza*” ou “*canalla*”, que era sem dúvida a maioria da população, seguia com fervor, se houvesse decidido lutar? Porque, ademais, tinha a seu favor alguns oficiais do regimento de Tiradores e os membros da força naval. Um homem, que havia dado mostras quase suicidas de coragem, teria se insurgido caso essas fossem suas intenções!

III

Nego-me a crer nos testemunhos de que Padilla tentou armar os negros e mulatos para desafiar o exército. Prefiro acreditar, com Otero D’Costa, que, neste momento de alta confusão, Padilla se dirigiu a Montilla com o interesse de colocar as coisas em ordem e, ao receber uma resposta

fria e sem garantias reais por sua vida, o que fez foi sair da cidade buscando quem acreditasse nele: Bolívar. O almirante estava convencido de que havia atuado com razão e jamais deu mostras de querer enfrentar o Libertador. Acreditou que podia explicar tudo e, ademais, que quem deveria ser castigado era Montilla. É verdade que no dia 9 de fevereiro havia escrito a Santander uma carta na qual se mostrava partidário da aprovação de uma constituição democrática, oposta aos postulados autoritários pregados por Bolívar; no entanto, na mesma carta expressava uma vez mais seu desejo de uma reconciliação entre o Libertador e Santander (D’COSTA, 1973, p. 108). Nunca saberemos de forma definitiva se Padilla teria enfrentado abertamente Bolívar caso não houvesse precipitado o último de seus conflitos com Montilla, cujo começo esteve na peleja do bar Matosi.

O terrível problema, ao qual talvez Padilla não tenha prestado atenção, foi o de que, no meio das gravíssimas circunstâncias que atravessava Bolívar – o desmoronamento das suas ambições, seu corpo enfermo como a nação que acabava de criar e seu aberto enfrentamento com Santander –, o último que estava disposto a aceitar era uma suposta ameaça de levantamento de negros e mulatos na praça forte de Cartagena. Por anos, Montilla havia se encarregado de semear, um dia após o outro, a imagem dessa conspiração dos pardos. Abundam cartas nas quais Bolívar colocou presentes seus próprios medos da ação política dos afrodescendentes e advertiu contra os resultados dessa ação de forma por demais ofensiva, dramática e certamente exagerada. Olhemos duas delas: no 7 de junho de 1826 escreveu a Santander desde Lima, dizendo-lhe:

Se a gente de cor se levanta e acaba com tudo, porque o governo não é forte e a loucura de todos os convida a tomar seu posto, eu não tenho a culpa. Se a Páez e a Padilla os querem tratar mal sem empregar uma força capaz de contê-los, eu não tenho a culpa. Estes dois homens têm em seu sangue os elementos do seu poder, e por conseguinte, é inútil que eu me oponha e eles, porque a minha não vale nada para o povo (Bolívar, 1950, p. 403).

A referência ao sangue tem um significado preciso, fala-nos de quão compenetrado estava Bolívar com as velhas ideias aristocráticas do valor da estirpe, da existência de um mundo radicalmente separado por hierarquias das raças. Segundo ele, Páez e Padilla eram “*gente de color*”, isto é, mulatos e como o povo o era também, daí nascia seu poder. O dele, que se estimava branco, “não vale nada para o povo”. Em outras palavras, se estes generais de enorme prestígio se rebelavam, e os brancos não tinham a força suficiente para contê-los, convertiam-se, então, em uma força devastadora, capaz

de “acabar com tudo” pelo simples fato do sangue negro que carregavam. Memórias do Haiti, sem lugar para a dúvida.

Um mês mais tarde, no 8 de julho de 1826, escreve outra carta na qual diz:

Guiné e mais Guiné teremos; e isto não digo de brincadeira, aquele que escape com sua cara branca será bem afortunado; a dor será que os ideólogos, como os mais vis e mais covardes, serão os últimos que pereçam: acostumados ao jugo, o levarão facilmente até de seus próprios escravos. (BOLÍVAR, 1950, p. 429)

“Guiné” é uma clara e depreciável referência à África e aos negros e aos mulatos grã-colombianos. Eram tão fortes estas ideias e emoções ao redor das raças em Bolívar que, em uma carta que tem muito valor porque o dia que a escreveu vivia instantes de felicidade graças aos seus triunfos militares no Peru e Padilla ainda era seu amigo incondicional, disse a Santander, preocupado com o tom altivo de uma comunicação que havia recebido do almirante guajiro¹⁴, que:

A igualdade legal não é bastante pelo espírito que tem o povo, que quer que haja igualdade absoluta, tanto no público como no doméstico; e depois quererá a pardocracia, que é a inclinação natural e única, para extermínio depois da classe privilegiada. Isso requer, digo, grandes medidas, que não me cansarei de recomendar. (BOLÍVAR, 1950, p. 114)

Talvez em nenhuma de suas outras cartas tenha definido, de modo tão preciso, o que vivia repetindo desde os primeiros dias da revolução sobre a ameaça dos negros e mulatos, dado a circunstância de que constituíam uma esmagadora maioria em seu país natal. Não se cansava de advertir, nem de recomendar “grandes medidas” contra isso, que o povo “quererá a pardocracia, que é a inclinação natural e única, para extermínio depois da classe privilegiada”. A chave do seu discurso admoestador está na sua convicção de que era a mesma condição natural – o resultado da mescla na qual predominavam os instintos das classes inferiores – a que levaria irremediavelmente ao extermínio da “classe privilegiada”, a qual ele pertencia, caso não fosse feito nada para evitá-lo.

14 Nascido na região de La Guajira, península situada entre o Golfo da Venezuela e o mar do Caribe. Riohacha, cidade de nascimento de Padilla, localiza-se nesta região e, hoje, faz parte do departamento de La Guajira, Colômbia (nota dos tradutores).

O curioso é que fica a impressão de que Padilla ignorava os comentários de Bolívar ou não se sentia aludido, porque nem remotamente pensava em armar levantamentos raciais. Os movimentos de Padilla logo depois de sair de Cartagena, no 8 de março, são amplamente conhecidos, e se algo indicam é que estava pensando em tudo, menos em levantar em armas. Um estrategista de sua alta condição e talento militar, de sua vasta experiência, célebre, ademais, como tem sido dito unanimemente, por seus gestos audazes e corajosos, termina regressando sozinho a sua casa de Cartagena, depois de não poder conversar com seu amigo, o Libertador, que se negou a recebê-lo; e de imediato foi preso por Montilla. Se este homem houvesse querido levantar à “*canalla*” como chamava o aristocrata Montilla aos amigos de Padilla, a “*gentualla*” como os chamou o general Posada, é muito pouco crível que não houvesse conseguido durante esses dias confusos de março de 1828. O general Joaquín Posada, amigo bastante próximo de Bolívar, escreveu em suas *Memórias histórico-políticas* que Padilla tentou revolucionar os negros e mulatos, mas que não conseguiu devido ao fato de que “a massa do povo, prudente e circunspecta, fez-se surda às excitações de todo gênero que se fazia, manteve-se indiferente, e ainda se manifestou disposta à resistência caso necessário”. E deu a entender que somente um grupo de oficiais e de “*gentualla de todos los colores*” (POSADA GUTIÉRREZ, 1971, p. 139) esteve disposta a apoiá-lo. Não me parece muito crível este argumento, porque não há um ato sequer de Padilla que se possa indicar em que ele estivesse disposto a armar aqueles que o reconheciam como seu líder. Simplesmente, na minha opinião, nunca tentou fazê-lo, para além de pronunciar discursos irados, próprios de seu temperamento ardente. Não que lhe tenham dado as costas, é que ele não o fez. Montilla e os seus se encarregaram de fazer crer o contrário para poder processá-lo com o decreto de conspiradores, coisa que queriam fazer, e que havia sido sugerida por Bolívar, inclusive antes de que fosse produzida a conspiração setembrina¹⁵. Que sentido tinha para Padilla, coroado por seus êxitos nas batalhas, produzir um levante, quando, ademais, toda sua vida de militar havia estado debaixo do mando de Bolívar, que o havia elevado, exclusivamente por seus méritos, à condição de um dos grandes generais da república? Se havia meses havia recebido a Bolívar em sua casa, havia festejado com abundância seu aniversário e havia oferecido todo seu apoio. No 11 de julho de

15 Veja as cartas ao seu amigo Cristóbal Mendoza dos dias 26 de março e 1º de abril, em Bolívar (1950, p. 803-807).

1827, a menos de um ano de que fizesse sentir toda sua ira contra Padilla, Bolívar diria a Páez que acabava de chegar a Cartagena “onde encontrou dois amigos excelentes nos generais Montilla e Padilla” (BOLÍVAR, 1950, p. 653). Se, ademais, tinha Padilla tanto poder e popularidade como para que, em uma cidade governada por Montilla e seus amigos – os fazendeiros e comerciantes de uma elite aristocrática –, o elegessem, contra a vontade deles, duas vezes senador, a mais alta distinção civil a que se podia aspirar, depois da de presidente, para que organizar uma insurgência racial, em momentos em que acreditava possível conquistar transformações democráticas eleitoralmente, não somente pela força que demonstrou ter a ala reformista liberal, senão pela sua própria na província de Cartagena?

Montilla sabia o perigo que podia ser manter Padilla preso em Cartagena, por isso o transferiu de imediato a Bogotá para que fosse Bolívar quem o processasse pelo delito de conspiração. E estando preso, os conjurados de setembro de 1828, todos partidários de Santander, entraram no palácio e tentaram assassinar Bolívar, que se salvou por milagre, fatos bastante conhecidos que não vale a pena repetir. Padilla já estava há vários meses preso, desde o 26 de maio. E, no entanto, sem prova alguma, foi condenado a morrer fuzilado na praça maior de Bogotá. Foi alegado, inclusive, contra toda evidência, que ele era o destinado a assumir o mando da conspiração uma vez que Bolívar fosse assassinado. Otero D’Costa e outros escritores, amigos e inimigos de Bolívar, estiveram de acordo sobre o infundado das acusações contra Padilla, tanto nos acontecimentos em Cartagena como nos de Bogotá na noite setembrina¹⁶; mas, o que é certo é que Bolívar havia decidido fuzilá-lo meses antes da tentativa de assassinato. Em março de 1828, sete meses antes de levarem Padilla ao paredão, um dia depois de saber que Montilla havia prendido o almirante em Cartagena, na citada carta ao seu amigo Cristóbal Mendoza, Bolívar escreve que “o decreto de conspiradores

16 Enrique Otero D’Costa (1973). O general Posada disse de maneira enfática: “[...] consta-me, e é um fato que hoje ninguém tem dúvida, que, no atentado da noite de 25 de setembro, não somente não teve parte (Padilla), senão que não soube o que passava nem a causa, até que sua prisão foi invadida”. E em relação aos acontecimentos de Cartagena, é também muito claro em dizer que nos fatos de março, Padilla não havia cometido “mais que imprudências” que “não passavam de simples incidentes” e que Montilla, assim dá a entender, atuou com precipitação, o que levou finalmente à destruição do almirante. Veja: POSADA GUTIÉRREZ, 1971, p. 142 e 186. No documento que contém a “Sumaria averiguación para aclarar asuntos de la mayor importancia para la seguridad pública”, intitulado “Tumultos populares em Cartagena de Indias (Año de 1828)”, reproduzido na *Revista del Archivo Nacional*, t. IV, n. 40, Bogotá, julho de 1942, p. 263-294, não há nada que possa ser usado de maneira convincente como prova de que Padilla promoveu um levantamento racial. Por outra parte, li com cuidado os testemunhos recolhidos no processo da conspiração do 25 de setembro de 1828 e não encontro nada de valor que justifique a sentença de morte contra Padilla. Veja: ORTEGA, 1942.

deve ser cumprido por lá a todo rigor para nos salvarmos desses malvados” (BOLÍVAR, 1950, p. 803). E cinco dias mais tarde, escreveu com maior clareza: “Com motivo do iníquo atentado que acaba de cometer ali o general Padilla contra a autoridade; e ainda que me escreva agora de Ocaña se escusando, eu o mandei julgar conforme o decreto de conspiradores para que de este modo se faça um grande exemplo que sirva de castigo e lição aos facciosos” (BOLÍVAR, 1950, p. 807). Ao falar do decreto de conspiradores, Bolívar o estava condenando a morte.

IV

O que representava Padilla até o ponto de ser tratado como um criminoso? O que havia na mente de Bolívar? Se não os mesmos medos e preconceitos contra os negros e mulatos? Em 24 de março, quando ainda não se sabia que Padilla estava preso, Bolívar escreveu uma tremenda frase que parece resumir tudo: “Cartagena me pesa no coração como o único perigo que nos ameaça o dia” (BOLÍVAR, 1950, p. 799). E esse mesmo dia despachou cartas para vários de seus melhores amigos: a O’Leary disse que “o único que me dá cuidado em Colômbia é Cartagena” (BOLÍVAR, 1950, p. 797). E sendo mais explícito escreveu a Montilla: “Cartagena... contém alguns princípios do mal que se deve extinguir. Cuidado com a caixa de Pandora e com a chave que abra tão formidável e horroroso cofre!”. Mais adiante nos informa que, com “a caixa de Pandora”, fazia alusão a um levantamento de negros e mulatos em Cartagena; e que a chave que podia abrir “tão formidável e horroroso cofre” era ninguém menos que Padilla (BOLÍVAR, 1950, p. 797-799). A Miguel Peña confiou que “tão somente Cartagena tem alguns espíritos rebeldes, mas uma cidade não pode contrapesar uma nação” (BOLÍVAR, 1950, p. 798). A este mesmo amigo confessará dias depois, no 10 de abril, que: “Eu havia pensado que Cartagena era a arca de Pandora e Padilla sua chave; já a abriram; mas eu me equivoquei, porque a verdadeira arca é Santander e sua ambição a chave” (Bolívar, 1950, p. 813). E, no entanto, depois do atentado contra sua vida, nem Santander nem seus amigos mais próximos, estes últimos diretamente comprometidos com a conspiração setembrina, foram levados ao cadafalso. Contra Padilla, ao contrário, atuou com premeditada crueldade. Conduziu-o à praça principal de Bogotá, que hoje leva, por certo, o nome de Bolívar e, ao melhor, no mesmo lugar no qual se levanta a soberba estátua do Libertador, o general degradou o mulato, fuzilou-o, até banhá-lo em sangue, porque as primeiras balas destroçaram seu corpo, mas não lhe levaram à morte, e, logo morto,

ordenou enforcá-lo, para que ali ficasse de alerta e lição aos humildes de todas as cores que se atrevessem a desafiar o caudilho autoritário. A grande ironia da história é a de que Padilla morreu convencido de que havia sido leal ao Libertador até seus últimos dias. O certo é que ninguém como ele fez maiores esforços para conciliar Santander com Bolívar, seus dois admirados amigos¹⁷; não obteve sucesso, claramente. E somente ao final preferiu apoiar as ideias liberais de Santander contra os ímpetos autoritários de Bolívar, crendo que em uma república que se considerava democrática se podia fazer isso: dissentir do grande caudilho, sem que isso significasse um ato de deslealdade. Tampouco soube ver que por sua condição racial era visto, desde muito antes e por mais de uma pessoa, entre eles o Libertador, como uma ameaça, “a terrível ameaça” dos negros e mulatos que povoava a imaginação de Bolívar, de Montilla e de tantos outros, depois dos sucessos do Haiti, de Venezuela e, claro, da mesma Cartagena dos anos de 1810-1815¹⁸.

Aqui vale a pena um parêntese sobre a Cartagena de Índias daquela época. Segundo o general Posada, como temos visto, nada havia que temer: esta era uma cidade na qual a massa do povo “era prudente e circunspecta”; mas seu amigo, o Libertador, acreditava totalmente no contrário. Há que ter presentes, em todo o seu significado, as frases que neste turbulento ano de 1828 dissera sobre a cidade, e que citei anteriormente: “Cartagena me pesa no coração como o único perigo que nos ameaça o dia”. “O único que me dá cuidado em Colômbia é Cartagena”. “Cartagena... contém alguns princípios do mal que se deve extinguir. Cuidado com a caixa de Pandora e com a chave que abra tão formidável e horroroso cofre!” E não são as únicas. Repete em outras cartas de outras maneiras. Claramente, Bolívar não estava alucinando quando escreveu semelhantes sentenças; tinha mais que motivos para fazê-lo, e não era porque Padilla havia feito algo que o levasse

17 Vejam suas duas cartas, entre outras, a Santander de 18 de março e 2 de abril de 1827, no Archivo Santander (1919, p. 300-301 e 322-323). Por outra parte, tive sempre a impressão de que o general Posada, ao dizer que a massa do povo “era prudente e circunspecta” e ao diferenciá-la da “*gentualla*”, fazia ilusão a uma espécie de classe média baixa e média que se havia formado, principalmente, entre os mulatos livres com o passar dos anos e, em especial, depois da independência. Em relação ao anterior, parece-me de grande importância recordar o que C. L. R. James escreveu, com profundidade aguda e pioneiramente, ao refletir de como no Caribe anglófono (Índias Ocidentais) “com a emancipação em 1834 os negros mesmo estabeleceram uma classe média. Mas entre os mulatos de classe média e os negros há uma contínua rivalidade, desconfiança e maus sentimentos, que, manipulados habilmente pelos europeus, envenenam a vida da comunidade”. Veja: GRIMSHAW, 1993, p. 51. No nosso caso, de maiores matizes raciais, haverá que aprofundar nestas dinâmicas manipuladoras e nestas diferenças por parte dos que se consideram filhos dos europeus.

18 Refere-se à experiência republicana de Cartagena neste período, marcada pelo protagonismo dos setores negros e mulatos. Além do próprio *La Independencia de Colombia* (2021), veja: *El Fracaso de la Nación* (2008) (nota dos tradutores).

a merecer tais suspeitas. Era, simples e ingenuamente, porque tinha clara a memória dos anos em que esta praça inexpugnável havia estado nas mãos de negros e mulatos armados durante a primeira independência de 1811 a 1815, nos quais haviam tentado nomear um mulato de “origem escura” como presidente e instaurar uma república democrática de verdade e não de mentiras. E com o prestígio de Padilla e, segundo ele, a natural inclinação dos afros a impor a pardocracia e eliminar a elite branca, algo parecido poderia ocorrer. Há 26 anos, quando terminei de escrever *El fracasso de la nación*, não havia lido estas graves preocupações de Bolívar sobre o potencial revolucionário dos afrocartageneiros. Hoje, depois de tê-las lido, parecem-me provas conclusivas de quão profundo foi o protagonismo de negros e mulatos na república soberana de Cartagena de Índias de 1812 na busca pelo estabelecimento de uma democracia radical. E, da mesma forma, quanto ajudou na queda de Padilla que esta imagem libertária estivesse agora representada em sua figura e na de seus amigos nas emoções do Libertador. Mais que pelas memórias de Haiti e de Venezuela, Cartagena era o “único” que infundia temor em Bolívar, porque ele sabia até onde podiam chegar os afrocartageneiros em sua luta por cidadania e democracia reais; e sabia porque havia visto e ouvido de seus amigos mais próximos, como Montilla.

Que Bolívar foi um grande patriota e militar, ninguém poderia pôr em dúvida; que sacrificou tudo pela nação que quis criar, sua vida foi prova diária disso. Mas que esses conceitos de “pátria” e de “patriotismo” tiveram sempre o rosto bifforme de Jano deve ser considerado sem temor. Rosto de duas caras: a que prometia o desfrute da igualdade nos espaços da vida pública e privada para aqueles que na colônia a tiveram em grande medida entre eles, os *criollos*, desde os velhos dias do império; e a que negava essa igualdade – não a formal, a real – a quem ela havia sido negada sempre. Na nada democrática ordem sociorracial, a República de Bolívar não propunha maiores mudanças; se houve transformações, e se tentaram levá-las a uma maior radicalidade, não foram os patriotas das estátuas e dos bustos os que tentaram, foram quase sempre negros, mulatos e mestiços humildes, acompanhados de uma minoria de políticos e intelectuais, dispostos a recriar uma democracia mais completa. Porque é honesto dizer que Bolívar e seus seguidores detestavam e se opuseram abertamente a uma democracia que desse espaço e possibilidade de exercer o poder ao que ele chamava de “a pardocracia”, que frequentemente não tinha outro significado que o de abrigar nesta palavra a “*gente de color*”, ao que não era tido por branco, isto é, a imensa maioria da nação. Todo aquele que tentava avançar em uma

direção contrária aos ditados do caudilho era taxado de “demagogo” e de “faccioso”. Ecos, intensos ecos, daqueles dias ressoam hoje!

Por outra parte, o papel de Padilla na história não pode ser reduzido ao do que tentou sem êxito levantar os afros. Na hora de fazer um balanço de suas atuações, acredito que o central foi que conseguiu, na sua condição de humilde mulato, elevar-se a uma posição de altivez e de defesa da igualdade por meio da constituição e das reformas, e no exemplo que isso podia significar para o resto daqueles que aspiravam legitimamente a ser cidadãos e a construir uma democracia radical. Cartagena não era o Haiti. O número de escravos já era de uma pequeníssima fração e, ao contrário, o de homens e mulheres livres era enorme¹⁹. Sua aspiração a uma democracia e a maneira como quis ajudar a construí-la, acredito que é o seu legado. O que teria levado em breve à abolição da escravidão, como foi conseguido quando as forças democráticas tiveram o poder para fazê-lo. Apoiou finalmente a Santander durante os dias preparatórios da Convenção de Ocaña porque acreditava nas ideias liberais de igualdade e democracia, mas não porque desacreditava da sua amizade com Bolívar. E este foi o seu grande conflito.

V

Se quisermos compreender por que um homem de tão altos méritos guerreiros e infinita capacidade para o sacrifício, de tão vasta inteligência e talento para a escritura, podia, com a mesma paixão que fazia tudo, escrever cartas ofensivas sobre negros e mulatos, e organizar o sacrifício de Padilla na forma como o fez, haveria que se recorrer, talvez, e isso é mais uma pergunta que uma resposta, aos desígnios da época, a suas origens aristocráticas, às ideias em voga – ufanava-se de ter lido o conde de Buffon, entre outros (BOLÍVAR, 1950, p. 137) –, às emoções que deixaram nele, cujo ideal de governo era o regime aristocrático inglês, as experiências devastadoras da revolução social do Haiti, os levantamentos de escravos e pardos livres na Venezuela e a revolta revolucionária de negros e mulatos em Cartagena de 1811 a 1815, entre outros acontecimentos nos quais os afros buscaram a liberdade e a igualdade. E, claro, haveria que se perguntar também se algo ou muito teve a ver seu espírito autoritário e hierárquico, que vislumbrava a todo momento ameaças daqueles chamados de “*gentes de color*” contra a ordem aristocrática e a disciplina social que ambicionou

19 Veja: MCFARLANE, 1997, p. 521; SILVESTRE, 1950, p. 67; MCGREW, 2014, p. 39-43.

e que, claramente, não somente não alcançaria, senão que, desde 1828 até o dia de sua morte, viveria na desolação de seu próprio fracasso ao não conseguir que se aprovasse uma constituição que consagrasse um governo autoritário; fracasso sobre o qual teve desde cedo uma infeliz lucidez (BOLÍVAR, 1950)²⁰.

Talvez não tenha bastado a Bolívar ser o personagem central da independência de seis nações, seu herói idolatrado, quis, ademais, governá-las com mão firme, o que o levou a erros tão graves como o de ter que se declarar ditador, título que o aborrecia porque pensava que ia deteriorar sua glória, e o erro que cometeu ao estimular e patrocinar o espantoso ato de degradar, fuzilar e enforcar o mulato José Prudencio Padilla. Sua derrota final teve a mesma radicalidade de seus triunfos. Agora, a memória dolorosa de seus dias finais foi enterrada bem debaixo das centenas de bustos e estátuas nas suas seis nações. Agora, ao mencioná-lo, os textos de história preferem não recordar que o expulsaram de Bogotá, em meio a ameaças e provocações, de apelidos repulsivos e de festejos posteriores a sua partida com castelos de pólvora adornados com caricaturas sobre sua pessoa (RESTREPO, 1969, t. IV, p. 85-93); que estando destruído pela tuberculose em Santa Marta e no meio de uma pobreza franciscana que o obrigava a tomar dinheiro emprestado, os patriotas de Venezuela mandaram dizer aos patriotas colombianos que não o queriam de volta a Venezuela e que, ademais, não teriam relações com a Colômbia até que saísse do território da antiga Grã-Colômbia (HENAO; ARRUBLA, 1912, p. 565). Para que recordar que ao Libertador, doente como estava, vários de seus melhores amigos lhe pediam, em seus últimos dias, que se esquecesse do mando e partisse de Bogotá, talvez a morrer em terras estranhas? E que nem sequer por compaixão votaram nele os representantes que tinham que escolher o presidente da república para o ano de 1831, mesmo sabendo o quanto queria Bolívar ser devolvido a esta posição? Nem um voto a seu favor! (RESTREPO, 1969, t. IV, p. 76 e 81) Forças errantes da história e da alma dos seres humanos!

Enfim, aos que creem exagerado este relato trágico sobre os últimos dias de Bolívar e de seu sonho da Grã-Colômbia, no meio das intrigas, da anarquia e das pequenas guerras dos caudilhos, recomendo-lhes ler José

20 Nas cartas escritas em 1826 sobre a crise política que começa com os levantamentos e pronunciamentos na Venezuela, já aparece sua amarga intuição que lhe diz que seu projeto corre perigo de fracassar. No ano de 1827, é muito mais claro no seu aberto enfrentamento com Santander e, em 1828, diante da derrota na Convenção de Ocaña e da conspiração para assassiná-lo, sua amargura é completa.

Manuel Restrepo, ninguém mais confiável neste caso que ele. Amigo íntimo do Libertador, foi, também, seu secretário do interior. Apesar de seu racismo inveterado contra negros e mulatos, principalmente dirigido aos do Caribe colombiano, esforçou-se por coletar uma vasta documentação e por construir um ambicioso relato sobre a história da Independência e da formação da república no século XIX, no qual deixou estabelecido os mitos fundacionais da nação. Restrepo escreveu as seguintes palavras, na ocasião da sua morte:

Bolívar em estas circunstâncias *baixou ao sepulcro cheio de pesares* pelas perseguições e calúnias que por meio da imprensa difundiam seus inimigos contra ele, deixando murcha sua glória como político e a Colômbia em plena anarquia. Esta se encontra suportada pela ambição dessa multidão de generais, coronéis, etc., criados por Bolívar talvez com prodigalidade e às vezes sem escolher o mérito e a virtude. Funesto legado que deixou à sua pátria, cujos resultados serão de larga duração! (RESTREPO, 1969, t. IV, p. 153)²¹

E em sua *Historia de la revolución de la República de Colombia* mostra Bolívar vítima de “uma profunda melancolia e um grande decaimento de ânimo”, como consequência da “solidão na qual se encontrava, a sanha insaciável com que seus inimigos se lançavam sobre sua reputação, a ingratidão com a qual ele acreditava justamente que o haviam tratado muitos de seus amigos queridos...” (RESTREPO, 1969, t. VI, p. 437).

Acima de tudo, o que me interessou destacar é até onde chegou a confrontação de Montilla e Padilla como uma metáfora da república nascente: é claro, como acredito ter mostrado, que aqueles que governavam não estavam dispostos a deixar que os negros e mulatos tivessem poder. Bolívar assim se expressou uma e outra vez, e advertiu que, caso deixassem eles avançarem na sua luta por igualdade, a pardocracia, isto é, essa gente de *todos los colores* que conformava a maioria da nação, não se limitaria a essas conquistas, senão que queria o governo total e, conseqüentemente, removeria a elite (BOLÍVAR, 1950, p. 114). O grave é que não foi somente o sentimento de um homem, senão com ele que nasceu a república, e com ele que o porto caribe de Cartagena fez seu ingresso nela; sentimento, que, por certo, segue, em maior ou menor medida, vigente nos dias de hoje.

21 Henao e Arrubla escreveram que, em 1830, em Cartagena, um par de meses antes de morrer, pesavam sobre o Libertador “a fadiga e a amargura do desengano” (HENAO; ARRUBLA, 1912, p. 574).

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

- ARCHIVO SANTANDER. Bogotá: Editorial Águila Negra, v. XVI e XVII, 1919.
- BOLÍVAR, S. *Obras completas*. Compilación y notas de Vicente Lecuna. La Habana: Editorial Lex, v. II, 1950.
- ORTEGA, R. *Documentos sobre el proceso de la conspriación del 25 de septiembre de 1828*. Bogotá: Biblioteca Nacional, 1952.
- POSADA GUTIÉRREZ, J. *Memorias histórico-políticas*. Medellín: Editorial Bedout, 1971.
- RESTREPO, J. M. *Historia de la revolución de Colombia*. Bogotá: Editorial Bedout, v. 4-6, 1969.

LIVROS E ARTIGOS

- D’COSTA, E. O. *La vida del almirante José Padilla, 1778-1828*. Bogotá: Imprenta de las Fuerzas Militares, 1973.
- GRIMSHAW, A. *The C. L. R. James Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- HENAO, J. M.; ARRUBLA, G. *Historia de Colombia*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1912.
- LYNCH, J. *Simón Bolívar*. Bogotá: Crítica, 2019.
- MCFARLANE, A. *Colombia antes de la Independencia*. Economía, sociedad y política bajo el dominio Borbón. Bogotá: Banco de la República, 1997.
- MCGREW, J. *El desafío del reconocimiento*. Lucha por la ciudadanía de los afrocolombianos em el Caribe, 1850-1900. Barranquilla: Editorial la Iguana Ciega, 2014.
- SILVESTRE, F. *Descripción del reyno de Santa Fe de Bogotá*. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1950.

Sobre o autor:

Alfonso Múnera Cavadía | *E-mail:* alfonsomunera55@gmail.com.

Professor do Doutorado em História da Educação na Universidad de Cartagena. Nesta universidade, foi decano da Faculdade de Ciências Humanas, Vice-Reitor de Pesquisa e Diretor do Instituto Internacional de Estudos do Caribe. Doutor na University of Connecticut. Autor dos livros *El Fracaso de la nación. Región, clase y raza, 1717-1821*, *Fronteras imaginadas: la construcción de las razas y de la geografía en el siglo XIX colombiano* e *La Independencia de Colombia: olvidos y ficciones. Cartagena de Indias (1580-1821)*.

Sobre a tradutora e o tradutor:

Fernanda Lima da Silva | *E-mail:* ffernanda.slima@gmail.com

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília (FD/UnB). Professora do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Membro do Maré – Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro (FD/UnB), do Centro de Estudos em Desigualdades e Discriminação (CEDD.FD/UnB) e do Grupo Asa Branca de Criminologia (UFPE/Unicap).

Marcos Vinícius Lustosa Queiroz | *E-mail:* marcosvlq@gmail.com

Doutorando em Direito pela UnB. Sanduíche na Universidad Nacional de Colombia e na Duke University. Coordenador do Clube do Livro e do Peabiru – Núcleo de Pesquisa em História e Constitucionalismo da América Latina. Menção Honrosa no Prêmio Thomas Skidmore (2018).

Artigo convidado.